

Jornal Negócios 07-12-2009	Periodicidade:	Diário	Temática:	Internacional
	Classe:	Economia/Neócios	Dimensão:	635
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	17000	Página (s):	8



NITIN DESAI, MEMBRO DO CONSELHO PARA AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS DA ÍNDIA

“Não, há qualquer hipótese de a Índia aceitar limites”

O mundo tem duas semanas para tentar forjar um plano de combate ao aquecimento global onde caibam as preocupações dos países emergentes, a cautela dos Estados Unidos e a ambição da Europa. O indiano Nitin Desai e o sueco Allan Larsson são dois dos actores que estarão no Bella Center, em Copenhaga, durante a cimeira. Representam interesses diversos, mas convergem num ponto: Copenhaga é demasiado cedo para se conseguir o acordo necessário para travar o aquecimento global

RAQUEL MARTINS

Agitou o grande auditório da Fundação Calouste de Gulbenkian, em Lisboa, quando perguntou: “Que constrangimentos sentiriam os cidadãos dos países industrializados por causa das alterações climáticas?” E usou a pergunta para justificar o facto de a Índia não aceitar que lhe imponham limites para as suas emissões de gases com efeito de estufa.

Foi um dos responsáveis pela organização da Cimeira do Rio em 1992. Desde então, o mundo mudou muito a sua visão sobre as questões ambientais?

A principal diferença é que o mundo está mais consciente da emergência da China e, até certo ponto, da Índia. Em segundo lugar, a Europa funciona de uma forma mais unida e temos uma administração em Washington que tem mostrado uma maior sensibilidade para certos problemas globais.

Os Estados estão mais conscientes do problema das alterações climáticas?

Certamente. Em 1992 nem os cientistas conseguiam dizer com certeza que as alterações climáticas se deviam à acção humana. Agora não há dúvida. Por outro lado, os impactos das alterações climáticas na vida das pessoas começaram a manifestar-se e as evidências científicas também aumentaram. O meu receio é que a agenda das alterações climáticas se sobreponha a todas as outras e deixemos de nos preocupar com a biodiversidade, com a escassez da água ou com os oceanos.

E acredita que essa crescente consciencialização vai traduzir-se num acordo em Copenhaga?

Não acredito que haja um acordo. Recentemente surgiram novos elementos: a Europa pôs-se ao lado dos Estados Unidos para dizer que devemos esquecer Quioto e procurar um novo acordo. Esta é uma grande mudança em relação ao que tinha ficado acordado em Bali [em 2007]. O que ficou acordado é que o Protocolo de Quioto devia manter-se após 2012 e haveria uma cooperação entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. O encontro de Banguecoque de Outubro passado [para preparar a Cimeira de Copenhaga e o período pós-Quioto] aumentou o nível de desconfiança dos países em vias desenvolvimento, o que é muito triste. Nos últimos seis meses, a China e a Índia anunciaram ambiciosos planos internos de combate às alterações

climáticas e a aposta nas energias renováveis. Mas ao mesmo tempo os países desenvolvidos parecem estar a mudar os pressupostos.

Está a dizer que esta nova abordagem vai fazer com que a China e a Índia se retraiam?

A China e a Índia estão confrontadas com uma situação em que, de repente, as regras mudaram. Sempre achámos que a distinção entre os países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento era para manter. O que teremos em Copenhaga serão compromissos na área da tecnologia, florestas, adaptação, medidas para os estados-ilha que estão em risco devido à subida do nível do mar. Poderá levar mais tempo até termos um acordo completo.

Os países em desenvolvimento tem-se excluídos?

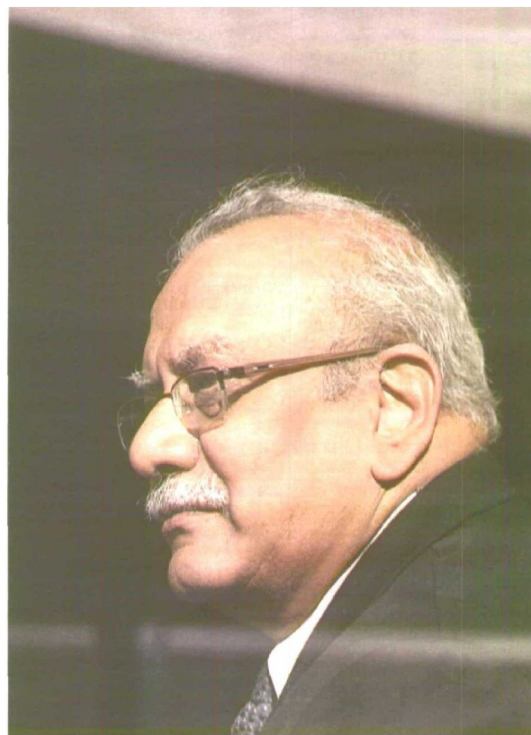
O meu argumento é que a Índia, a China e o Brasil estão a dar passos relevantes e a aproximar-se do que lhes está a ser exigido e enquanto isso os países desenvolvidos estão a dar passos atrás. Não acredito que se assinem um acordo tão cedo. É preciso tempo. Não estou a dizer que não pode ser feito, é possível haver um acordo global com obrigações para os diferentes países, mas não será feito na cimeira de Copenhaga.

Os países em desenvolvimento devem ter limites de emissão?

Neste momento, a Índia emite 1,3 toneladas de dióxido de carbono per capita, mas 400 milhões de pessoas não têm acesso a electricidade. Não há qualquer hipótese de a Índia aceitar limites para as suas emissões. O que a Índia pode fazer e já está a fazer é diversificar as suas fontes energéticas e aumentar a sua eficiência energética.

Mas os países desenvolvidos também têm dado passos.

O que os países em desenvolvimento se comprometeram a fazer nos seus planos internos é muito mais do que foi feito pelos países industrializados. A maioria dos países industrializados que mudanças fez? Eu pergunto o que é que os cidadãos desses países tiveram de mudar nas suas vidas? Que constrangimentos tiveram nas suas vidas? Guiam os mesmos carros, vivem na mesma casa. Admito que houve alterações ao nível da eficiência. Tem que haver equidade e justiça e tenho a impressão de que estas duas ideias têm sido esquecidas.



O pai da Cimeira do Rio

Nitin Desai foi um dos principais mentores da Cimeira do Rio de Janeiro, organizada pelas Nações Unidas em 1992 e que lançou as bases das preocupações com as alterações climáticas. É membro do Conselho para as Alterações Climáticas do primeiro-ministro indiano e defende a manutenção dos princípios de Quioto.